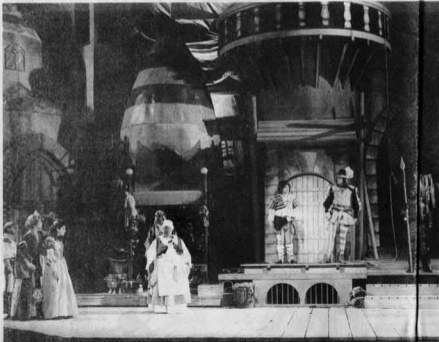


Rosset faz Nova York rir com Shakespeare

Na montagem da 'Comédia de Erros' encenada no Central Park, o diretor aproxima o bardo inglês de Rabelais



Marisa Tomei (ilustração)

ROBERT MYERS

Especial para a Folha, de Nova York

A lua aparece no céu de Nova York sobre um castelo, bem no meio do cenário da "Comédia de Erros" de Shakespeare dirigida por Cacá Rosset, no Delacorte Theater do Central Park. Algumas libélulas, quase do tamanho de ratos, voam pelo palco.

A abertura da peça — que tem no elenco Marisa Tomei, Boid Gaines e Elizabeth Franz, entre outros — é aterrozante. O personagem Egeon é trazido à cena numa jaula, vestido de trapos, e em seguida é condenado à morte. Porém, a peça não conserva esse clima sombrio por muito tempo. Porque não apenas um, mas dois pares de gêmeos — os filhos de Egeon e seus dois criados — logo entram em cena para produzir uma série de situações de troca de identidade nesta primeira peça de Shakespeare baseada em "Menæchmi", do romano Plauto.

Na versão de Cacá Rosset, Shakespeare não é mais o bardo mítico do teatro inglês. Nesta peça em que o verso mais famoso é "o mundo é um palco", Rosset não só descarta essa fala, mas também modifica o texto à sua

vontade, acrescentando-lhe umas boas dúzias de palavrões. O Shakespeare de Rosset vira um parente próximo de Rabelais.

A "Comédia", então, se torna um ruidoso festival de piadas sem graça e de mau gosto, um pastelão que debocha do corpo com trocadilhos baratos, sexualidade chula e homoerotismo. Os quatro personagens centrais cantam, fumam charutos, lutam espada usando "colants" recheados de pano na parte mais "visada" da pélvis.

O elenco é deliciosamente politicamente incorreto, com Marisa Tomei como Adriana, a mulher fígosa de um dos nobres, que interpreta suas falas com o modo afetadíssimo das chamadas "princesas judaico-americanas" do Brooklyn, e Kati Kuroda, uma "femme fatale" asiática que canta desafinadamente em falsete com suas tetas à mostra sobre o corpete. Karla Burns como Nell é uma imensa negra que interpreta a criada de Adriana e tem uma magnífica atuação ao tentar seduzir um dos criados com uma dança de véus.

O aspecto carnavalesco da montagem atinge seu clímax quando um criado explica a seu senhor que está sendo perseguido pela

gigantesca dançarina negra. O criado descreve cada parte do corpo de Nell em relação a uma região geográfica, e quando seu senhor lhe pergunta com que se parecem "as partes" de Nell, ele diz: "São tão grandes quanto a América", e os dois se movem pelo palco numa pantomima de natação, como se estivessem atravessando a nado o continente americano. "Quando ensaiei esta cena", comentou Rosset, "disse aos atores que pensassem em Rabelais e nos palhaços da Commedia dell'Arte".

Uma das razões pelas quais Shakespeare atrai o público atual com uma obra que parece sempre nova e moderna é o fato de ele ter transportado a tradição medieval para o teatro inglês, transformando-a. Rosset, por sua vez, transportou esse mesmo espírito medieval para o Central Park, e os nova-iorquinos, talvez preparados para uma dose de "alta cultura", acabaram morrendo de rir. Foi um brasileiro que mostrou a Nova York que um dos lados mais modernos de Shakespeare reside no fato de o bardo inglês ser também um dramaturgo medieval.

ROBERT MYERS é crítico de música e teatro e doutorando em Literatura Ibérica na Universidade de Yale (EUA).

Cena da 'Comédia de Erros' dirigida por Cacá Rosset no Delacorte Theater de Nova York